
Precarização do trabalho como exemplo do capitalismo espectral em Brian Massumi¹

Hess Takashima Grigorowitschs²
PUC-SP

Resumo

Este artigo explora as contribuições de Brian Massumi, em *A Economia Contra Si Mesma* (2021) e *O Que Os Animais Nos Ensinam Sobre Política* (2017), para a crítica ao capitalismo neoliberal como um espectro — um sistema que, apesar de se dizer ultra racionalista, se sustenta prioritariamente em crenças coletivas e afetos. A análise articula esse conceito com a precarização do trabalho em plataformas digitais, demonstrando como a lógica espectral do capital se materializa na exploração dos trabalhadores plataformizados.

Palavra-chave: Afetos, capitalismo espectral; precarização; uberização.

CAPITALISMO COMO ESPECTRO, INDIVÍDUO E AFETOS

A coesão do sistema capitalista é, em si mesma, um espectro. Isto é, não há concretude nas supostas qualidades e nos alicerces do capitalismo, havendo na verdade uma grande convenção ou acordo para a presunção da existência desses elementos. Para Massumi, o Capitalismo é um sistema que não se sustenta amparado na realidade, ou ao menos não sem uma boa dose de “boa vontade” por parte de seus agentes e entusiastas (2024, p.17). A fé no mercado ou a ideologia meritocrática são exemplos desses acordos espectrais, que mascaram interesses individuais e particulares. O neoliberalismo depende de que as pessoas acreditem que ele é um sistema justo e meritocrático na sua essência.

A premissa de racionalidade dos agentes econômicos é igualmente insustentável. Ela indica que os agentes sempre tomariam decisões baseadas na racionalidade, otimização e frieza. O "humor do mercado" exemplifica o capitalismo espectral: a mídia trata o mercado como uma entidade autônoma que "reage" a eventos. Essa reação, na verdade, reflete apenas os interesses de poucos agentes financeiros, que avaliam políticas pelo impacto em seus lucros – não pelo benefício coletivo. Assim, o mercado é

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. e-mail: hesstg@hotmail.com

um espectro: uma abstração que esconde decisões humanas e individuais. Temos ainda as crises especulativas dos mercados financeiros, quando a crença no capital (a especulação) torna-se insustentavelmente distante da realidade, eventualmente estourando uma bolha, gerando crises de confiança no capital. E quando as pessoas param de acreditar no capital, ele desmorona (MASSUMI, 2024). Os trabalhadores digitais, no entanto, são levados a crer que são parte dos agentes do capital, beneficiados pela volatilidade do neoliberalismo, quando na verdade são escravos digitais precarizados, utilizados como ferramentas e recursos descartáveis por esse grande espectro capitalista (ANTUNES, 2020). O Capital, no entanto, se blindava deste tipo de crítica, sobretudo no âmbito digital, tanto no discurso quanto nas ações propriamente ditas, uma vez que:

As plataformas hoje controlam boa parte do espaço de debate público, da infraestrutura às aplicações de redes sociais, e reúnem poder econômico e político muitas vezes superior a Estados nacionais e organismos multilaterais. Enfrentá-las significa por em questão a dominância que exercem, dentro e fora da internet. (BARRETO, 2024)

Massumi também critica a noção de "indivíduo" como unidade indivisível e coerente em si mesma, base do racionalismo neoliberal. Ele defende que se pense então num "divíduo", um contínuo entre construção social e cultural, afetos e percepções, propondo que a política também se dá através de afetos e movimentos coletivos. Essa perspectiva ilumina a resistência percebida no trabalho precarizado plataformizado: greves de entregadores, por exemplo, emergem não de cálculos racionais, mas de afetos compartilhados (como a indignação frente à exploração). A política aqui é um processo corporal e relacional, similar às dinâmicas observadas em grupos animais (MASSUMI, 2017). É fundamental que essa "desindividualização" seja incentivada, a fim de buscar reações coletivas contra a lógica mercantilização da vida, uma vez que a ameaça da precarização do trabalho de plataformas abrange do trabalhador como indivíduo até mesmo à soberania de um país como o Brasil no debate sobre direitos trabalhistas (BARRETO, 2024).

CONSIDERAÇÕES

A obra de Massumi oferece ferramentas para compreender a precarização do trabalho em plataformas, revelando-o como um efeito do capitalismo espectral — um

sistema que existe porque performamos sua existência. A resistência, nesse contexto, demanda a valorização de formas não racionais de organização política, inspiradas na coletividade afetiva. O capitalismo de plataformas parece um sistema auto regulado, mas é sustentado por práticas coercitivas, como a pressão ilimitada por produtividade que os algoritmos colocam nos trabalhadores, junto da ilusão de liberdade.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão** – o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2020.

BARRETO, Helena Martins do Rêgo. **Soberania tecnológica e disputa por hegemonia**: notas sobre a situação brasileira. Medium, disponível em: <https://medium.com/o-centro-de-ensino-e-pesquisa-em-inova%C3%A7%C3%A3o-est%C3%A1/soberania-tecnol%C3%B3gica-e-disputa-por-hegemonia-notas-sobre-a-situa%C3%A7%C3%A3o-brasileira-94be275aec30>. Acesso em: 9 jun. 2025.

MASSUMI, Brian. **A economia contra si mesma**: por uma arte anticapitalista do acontecimento. São Paulo: n-1 edições, 2024

MASSUMI, Brian. **O que os animais nos ensinam sobre política**. São Paulo: n-1 edições, 2017